

# Sucesso de Covas, solidão de Ulysses

Brasília — Na noite da última quarta-feira, durante o banquete que o governo brasileiro ofereceu ao presidente de Portugal, Mário Soares, uma figura solitária chamou a atenção de uma colunista social do Rio de Janeiro. Sentado numa mesa com a mulher e mais quatro amigas, sem a habitual presença de políticos em volta, o presidente da Constituinte, do PMDB e da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, estava alheio às articulações políticas que ocorriam durante a festa. "O que o Ulysses está fazendo numa mesa conversando com as amigas de dona Mora?", indagou a colunista social a uma jornalista.

Desde a quarta-feira anterior, dia 18, quando o senador Mário Covas foi conduzido à liderança do PMDB na Constituinte, esta cena se repete com frequência. Enquanto Covas é solicitado a todo instante para entrevistas, audiências e articulações, Ulysses viu reduzir-se, como num passe de mágica, os espaços que ocupava na política brasileira.

Político que jamais gostou de sombras no exercício imperial que impõe ao poder, o deputado Ulysses Guimarães não deixou de ser a estrela da companhia que dirige — o PMDB. Mas, em nenhum momento, desde que o seu contraponto dentro do partido, Tancredo Neves, morreu, Ulysses teve que abrir mão de tantos espaços de uma só vez. O olho do furacão Covas é a Constituinte, mas ele vem produzindo estragos por todos os lugares em que passa — e o PMDB já não é mais o mesmo depois disso.

De um modesto gabinete vizinho à porta dos fundos do Senado Federal, Mário Covas saltou direto para um amplo triplex com três salas na entrada da Câmara dos Deputados — onde funcionará a liderança do PMDB na Constituinte. A distância do gabinete anterior do senador fazia muitas pessoas desistirem de procurá-lo no meio do caminho.

Políticos importantes não hesitam em se amontoar no gabinete de Covas, que tem até senhas para os jornalistas serem recebidos. "Que história é essa de senha?", quis saber o deputado Prisco Viana (PMDB-BA) antes de uma conversa com Covas.

Na quarta-feira, entre 20h e 23h, o rosto do novo líder do PMDB na Constituinte freqüentou cinco canais de televisão de Brasília, o que já leva os

assessores a temerem pela exposição excessiva de sua imagem. "Daqui a pouco, ele vai ficar repetindo declarações", dizia um deles. Providencialmente, a partir de amanhã, Covas terá mais um assessor, o jornalista Hélio Teixeira, que exercerá as funções de secretário de Imprensa, a convite do senador José Richa. Covas terá um auditório com 50 lugares para conversar com a imprensa.

Andar com Mário Covas pelos corredores do Congresso Nacional é, atualmente, uma tarefa tão difícil como já foi com o deputado Ulysses Guimarães, até duas semanas atrás. Avesso a entrevistas, Ulysses agora é um político disponível para os jornalistas, que conseguem abordá-lo a qualquer hora. Na quinta-feira, às 18h, depois de sair da eleição da Mesa da Constituinte, uma repórter de rádio conseguiu o que seria uma proeza extraordinária em outros tempos: entrevistou durante dez minutos, sozinha, o presidente da Constituinte. E mais: quando acabou a entrevista, ela notou que não havia ligado corretamente o gravador. Gentilmente, Ulysses aceitou repetir a entrevista. Não há dúvidas de que ele está se adaptando aos novos tempos de PMDB.

A melhor comprovação de que Ulysses agora tem uma sombra dentro do partido foi dada no próprio dia da eleição de Mário Covas. Proclamado o resultado, o senador foi empurrado para um canto por dezenas de parlamentares que queriam cumprimentá-lo e de jornalistas que queriam entrevistá-lo. Ulysses ficou, repentinamente, sozinho, presidindo a mesa da reunião. Para falar com Covas e convidá-lo para um encontro em seu gabinete, foi preciso usar o microfone. Sintomaticamente, no dia seguinte à vitória de Covas, a mulher de Ulysses, dona Mora, passou a manhã e a tarde no gabinete da presidência da Câmara, o que foi interpretado por assessores como um sintoma do abatimento de Ulysses. Que Ulysses está isolado, nem seus amigos ignoram. Mas a sua capacidade de reverter situações como essa é algo que até adversários fazem questão de admitir.

"É até bom para o PMDB", diz o deputado Chico Pinto (PMDB-BA) "que ele perca um pouco da excessiva concentração de poderes. Mas não é bom que queiram escantear-lo. Aliás, nem consegui-

ram. Uma das características de Ulysses é, depois que perde espaço, contra-atacar em busca de mais poder."

Até o momento, Ulysses ainda não está atuando nessa direção. Pelo menos, não dá provas disso. Na segunda-feira, ele dizia a um amigo não acreditar que o ex-deputado Aníbal Teixeira fosse indicado para o Ministério do Planejamento. Teixeira já estava escolhido e foi nomeado no dia seguinte. Todo o processo de reforma ministerial de Sarney está passando ao largo das intervenções de Ulysses. Ele também conduz as negociações internas da Constituinte, reúne-se com todos os líderes, mas não há dúvidas de que o senador Mário Covas é um coadjuvante que pode levar o Oscar de melhor atuação.

## Desgaste

A disputa de poder dentro do PMDB está sendo feita com muita elegância. Nunca foi registrado, da parte de Ulysses, um comentário que diminuísse o senador Covas. Na terça-feira, durante uma reunião em seu gabinete com Covas, para discutir a composição da Mesa da Constituinte, Ulysses brincou: "Como é bom tirar fotos com alguém tão importante ao lado!"

Na quinta-feira, depois que a bancada do PMDB rejeitou um pedido de Covas para reiniciar as negociações com o PFL para compor a Mesa da Constituinte — o que foi interpretado como a primeira derrota do líder —, quem veio em seu socorro foi o próprio Ulysses. "De jeito nenhum o Covas foi derrotado. Se essa derrota é dele, é dos outros líderes também."

Um ministro de estado amigo de Ulysses garante não só que ele "gosta muito" do senador Mário Covas como, ainda, que votou em seu nome para líder na Constituinte. Isso talvez explique o estilo magnânimo que Ulysses imprimiu na briga interna que trava com Covas no PMDB. Mas a melhor explicação para isso pertence a esse mesmo ministro, que prevê, que em breve, o presidente do partido se lance com toda a disposição na luta pela retomada dos espaços perdidos. "Daqui a quinze dias, o Covas vai estar sendo chamado de centralizador e autoritário. Podem esperar para ver."